

UMA ANÁLISE PELA RELEVÂNCIA DO FILME “O NOME DA ROSA”¹

Aline Aver Vanin²

Daiane Fagherazzi²

ninevanin@yahoo.com.br

daifagherazzi@hotmail.com

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo demonstrar como se dá processo cognitivo de informações através da Teoria da Relevância de Sperber & Wilson (1995). Esse modelo ostensivo-inferencial de comunicação é demonstrado através da análise do filme “O nome da Rosa”. Para tanto, o filme é relatado ao mesmo tempo em que a Teoria é explicitada, como uma forma de sintonizar o leitor ao raciocínio feito pelos espectadores durante o filme. A análise, articulada dessa maneira, permite aos leitores fortalecer uma interpretação mais refinada das relações pragmáticas formuladas pelos autores da teoria.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria da Relevância, inferências, estímulo ostensivo, processamento de informações, contexto, filme, “O nome da Rosa”.

INTRODUÇÃO

Estudos sobre a natureza da comunicação humana a partir da Pragmática baseiam-se em modelos comunicacionais que tratam dos processos de produção e compreensão de mensagens. Por isso, o Modelo de Código propõe que a mensagem seja compreendida através da codificação, pelo falante, e a decodificação, pelo ouvinte, de uma determinada mensagem. Esse modelo, porém, não dá conta de explicar os fenômenos da linguagem porque não demonstra as diversas proposições geradas por um único enunciado. Teóricos passaram a se dar conta de que é a situação que determina o significado e por isso passou-se a trabalhar com a noção de contexto da enunciação, juntamente com o estudo do processamento cognitivo da mensagem. Surge, então, o

¹ Agradecimento especial ao colega Ibsen Boff pela leitura crítica, comentários e sugestões pertinentes.

² Mestranda do curso de Linguística Aplicada da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

modelo inferencial de comunicação, o qual dá conta do dito além do dito, ou seja, o que está implícito em uma dada mensagem. Assim, Grice (1975) trabalha com uma nova abordagem do modelo comunicacional ao elaborar o modelo inferencial que trata da idéia de haver um hiato entre o enunciado propriamente dito e a compreensão do mesmo pelo ouvinte. Esta lacuna seria preenchida não mais por decodificação, mas por inferências.

Sperber e Wilson (1995) revisitam Grice, reinterpretando parte do arcabouço teórico sobre o dito e o implicado. A partir daí, desenvolvem a Teoria da Relevância, um conceito teórico-cognitivo compreendido aqui como uma propriedade psicológica de processos mentais. A esse conceito está ligada uma característica básica da cognição humana: os indivíduos prestam atenção apenas àquilo que lhes é relevante ou interessante. Por isso, ao comunicarem-se, os seres humanos mostram de modo efetivo seu desejo de comunicação, demonstrando ostensivamente a importância da mensagem transmitida pelo falante para ser processada inferencialmente pelo ouvinte. Ao longo da análise do filme, *O nome da rosa*³, baseado no romance homônimo de Umberto Eco, tratar-se-á desses e de outros pontos importantes da teoria de Sperber e Wilson (1995).

Um outro ponto importante a ser tratado é a questão da pragmática dentro do escopo da Semiótica, visto que o filme é repleto de signos relevantes à compreensão inferencial da mensagem. A Semiótica estuda as relações entre os signos e os indivíduos que as interpretam. Não nos restringiremos somente à linguagem no que diz respeito às palavras propriamente ditas, mas referiremos, nesse ponto de vista, a imagens e sons. Pelo fato de os signos serem universais, chegam mais facilmente à compreensão dos indivíduos por irem além da linguagem verbal e fazer com que indivíduos compreendam de imediato o que demandaria maior esforço de processamento caso estivesse em um texto escrito. No entanto, a Pragmática sai do domínio da Semiótica porque não trata apenas do código; aqui, a teoria pragmática cognitiva entende o código verbal numa interação como algo que subdetermina o que é comunicado. Assim, o foco passa do código para o raciocínio humano, com ênfase nas propriedades lógico-inferenciais. No caso dessa análise, a imagem ainda auxiliará na compreensão da mensagem. Para Silveira (2005), a imagem vence a barreira da linguagem pelo fato de ser universal, através de um entendimento imediato.

³ *The name of the rose*, adaptado para o cinema por Andrew Birkin, Gerard Brach, Howard Franklin e Alain Godard e dirigido por Jean-Jacques Annaud. Warner Bros., EUA, 1986.

Pelos motivos apresentados, nesta análise recorreremos aos signos visuais para auxiliar na compreensão das cenas como um todo, fortemente presentes nesse filme, além de nos basearmos no processamento cognitivo, na criação de inferências e nas implicações contextuais de enunciados verbais. Ao levarmos em conta os estímulos visuais e auditivos na interpretação de determinada situação, estamos também priorizando o entendimento de como indivíduos buscam criar inferências e compreender o que está além do dito com o auxílio desses recursos.

UMA VISÃO GERAL D'*O NOME DA ROSA*

No ano de 1327 d.C. um monge franciscano, William de Baskerville⁴ (Sean Connery), e o noviço que o acompanha, Adso de Melk (Christian Slater), chegam a um mosteiro ao norte da Itália. Estranhas mortes começam a ocorrer, nas quais as vítimas aparecem sempre com os dedos e a língua roxos. O pensamento racional e a fundamentação em Aristóteles e nos filósofos gregos permeavam o caráter investigativo de William, razão pela qual não acredita em fatos extranaturais e busca uma verdade embasada nos estudos científicos. Os demais irmãos, no entanto, preferem acreditar que tudo é obra do demônio. O caso parece ser bastante confuso e, antes que o irmão William consiga resolvê-lo, Bernardo Gui (F. Murray Abraham), o inquisidor, chega ao mosteiro disposto a pôr fim ao mistério torturando a todos os suspeitos de heresia, fazendo com que confessem sua ligação com o diabo. O embate entre o dogmatismo e a razão é pano de fundo para esse mistério, até a constatação de que a causa do crime estava ligada à manutenção de uma biblioteca secreta onde eram guardadas várias obras clássicas, algumas delas condenadas pela Igreja Católica.

CAPÍTULO 1

O filme inicia com o relato do narrador, já idoso, sobre os fatos há muitos anos num mosteiro ao norte da Itália. A primeira impressão da audiência são os contrastes, típicos da fase barroca. As antíteses podem ser vistas ao longo de todo o filme, e ficam evidentes já no início deste. Essa figura de linguagem mostra a oposição nas imagens e

⁴ O monge William também é chamado, ao longo do filme, de irmão Guilherme.

também é marcante nas idéias das personagens, como será visto no decorrer da história. Os enunciados e as imagens antitéticas criam suposições dos vários contrastes ideológicos recorrentes na época. Como uma primeira antítese, o narrador menciona que “eventos maravilhosos e terríveis” ocorreram. Com isso, a audiência pode criar uma primeira inferência: os acontecimentos naquele local foram, ao mesmo tempo, de ordem fantástica e também assustadores.

O processo inferencial é compreendido como um mecanismo cognitivo no qual o ouvinte, ao receber a mensagem do falante, estabelece relações acerca do que foi dito. De acordo com Sperber e Wilson (1995), as inferências são dedutivas, espontâneas e inconscientes. Esse processo segue um cálculo não-demonstrativo, com base nas regras da lógica formal, e não-trivial, ou seja, constroem-se premissas à medida que a comunicação se desenvolve. Em comunicação, não há premissas preestabelecidas; estas são criadas na interação entre falante e ouvinte. O processo da informação ocorre da maneira mais eficiente possível, através da maximização da relevância. Então, processa-se a informação nova naquilo que já se conhece.

A Teoria da Relevância é também conhecida como um modelo ostensivo-inferencial de comunicação. Ostensão e inferência se estabelecem a partir da comunicação e cognição humanas e são dirigidas pela relevância. A ostensão, estímulo intencional por parte do falante, causa um processamento inferencial por parte do ouvinte. Partindo-se desses princípios, percebe-se que o narrador da história comenta ser “zeloso e prudente” omitir o nome do obscuro mosteiro onde os fatos ocorreram. A audiência cria inferências a respeito do uso desses elementos lexicais, possivelmente por esse local ser conhecido e pelas pessoas as quais lá vivem. Se ele revelasse o nome do mosteiro, o que o local representa poderia ser mal visto justamente por este ser um lugar de encontro com Deus. Além disso, é sabido que a Igreja Católica preza pela aparência e postura de santidade; a omissão sobre o local leva a crer que há algum segredo terrível o qual não poderia ser revelado. O item lexical “mosteiro obscuro” faz a audiência construir duas hipóteses a respeito do real valor desses termos: ou ignora-se onde e qual seja o mosteiro; ou o lugar dá a impressão de escuridão e mistério. No decorrer do filme, isso será revelado à audiência, a qual formulará suas hipóteses. Segundo Sperber & Wilson (1995), a formulação de hipóteses é uma questão de imaginação, e a confirmação delas, por outro lado, é vista como um processo lógico governado pelas regras inferenciais. A confirmação ou não dessas suposições representa um caminho inferencial desencadeado pela série de acontecimentos os quais serão relatados. Esse é o

ponto de partida para as expectativas e curiosidade da audiência, a qual se questiona, através da criação de inferências, o que poderia ter acontecido. O mistério é, portanto, um estímulo ostensivo para a audiência continuar assistindo ao filme.

CAPÍTULO 2

Ao entrar no mosteiro, os monges lavam as mãos dos dois visitantes, os quais são nossas personagens principais: Adso de Melk, um noviço, e William de Baskerville, um monge franciscano. Logo em seguida, o portão é fechado. Evidencia-se, assim, uma segunda antítese: o ato de lavar as mãos poderia ser explicado como um ato de purificação e libertação do que está no mundo lá fora; já a imagem do portão se fechando parece ser também um signo para o enclausuramento não só dos homens no mosteiro como em si mesmos. Essas imagens poderiam ser explicadas através da decodificação dos sinais a que elas remetem, funcionando como signos que permitem auxiliar na compreensão do que é comunicado.

Na cena seguinte, o abade (Michael Lonsdale) e Malaquias (Volker Prechtel), o bibliotecário, conversam:

Abade: Devemos contar a ele?

Malaquias: Ele procurará nos lugares errados.

Abade: E se ele descobrir por conta própria?

Malaquias: Está supervalorizando a capacidade dele. Só há uma autoridade capaz de investigar tais assuntos: a Santa Inquisição.

O abade já deduz que William possa descobrir algo, e a audiência poderia inferir, nesse momento, que esse segredo seja altamente pernicioso. Ao mencionar a Santa Inquisição, o abade leva a mão à cruz presa envolta de seu pescoço. Utilizando-se da memória enciclopédica⁵ e da imagem, a audiência pode resgatar a lembrança na história de que essa entidade cometeu atrocidades contra aqueles que considerava hereges, utilizando-se de uma verdade distorcida, ou seja, aquela que lhes conviesse. Entre os diversos castigos estavam a tortura e a morte em uma fogueira, como se fosse um expurgar dos pecados. Essa instituição e a conivência do clero levaram milhares de inocentes à morte. A idéia da chegada e da investigação do tribunal da Santa Inquisição causa um temor no abade, justamente por ativar sua memória enciclopédica diante de tal assunto. A chamada *memória de longo prazo* é ativada pelas regras dedutivas que são

parte do equipamento mental humano. Assim, como há uma economia no armazenamento de suposições, a memória enciclopédica só é ativada no momento em que algo é suficientemente relevante para utilizá-la. No recinto está Jorge de Burgos (Feodor Chaliapin, Jr.), um ancião bibliotecário cego. O abade e Malaquias perguntam a opinião dele a respeito do assunto, e o velho afirma que os mais jovens devem resolver. Sua fala e seus olhos simbolizam, possivelmente, o não querer enxergar. Além disso, a mensagem é uma representação interna dos mecanismos de comunicação, ou seja, da representação de mundo do ancião; o sinal – os olhos – é uma modificação do ambiente externo, podendo ser produzido por um mecanismo e reconhecido por outro. Assim a idéia de cegueira pode ser proposital, uma vez que ele parece preferir as suas verdades a mudar suas concepções.

No claustro onde estão William e Adso, é possível perceber o desconforto do jovem, enquanto o mestre, ao observar esse modo de se portar, aconselha-o: “Para comandar a natureza, é preciso aprender a obedecê-la. Por isso, vá ao átrio, contorne o prédio à esquerda, entre no pátio à direita e ache o local de que precisa atrás do terceiro arco”. Por essa fala, a audiência pode inferir que possivelmente Adso precisa acalmar seus instintos fisiológicos.

O noviço tem em sua memória de curto prazo que seu mestre nunca estivera no mosteiro. Esse tipo de memória auxilia no armazenamento de suposições, dando maior precisão e validade para as conclusões. Portanto, há uma contradição em suas suposições iniciais quando ouve a afirmação do mestre. Este trata de enfraquecer essa suposição dizendo que viu um monge entrando lá apressadamente e saindo com ar de contentamento. Todavia, esse enunciado fortalece a suposição anterior de que se vai ao terceiro arco para aliviar seus instintos naturais. Para Silveira (2002), a alteração de crenças pode ser explicada pelo uso de regras de eliminação, que constituem entradas lógicas ligadas a conceitos aos quais estão conectadas também entradas enciclopédicas e lexicais. Assim, essas entradas contribuem na construção de novas suposições e na introdução de um contexto novo, que aqui é representado pela observação do Mestre William e do possível cálculo mental feito por ele para chegar à conclusão sobre a utilidade do local.

Ao ficar sozinho, William observa um corvo pousado sobre uma cova no cemitério que fica ali perto. Com isso a audiência rapidamente ativa sua memória

⁵ Por memória enciclopédica compreende-se a representação geral do mundo do indivíduo.

enciclopédica para perceber que corvos só aparecem quando há alguma carcaça recente. Além disso, a visão da cova com cruz leva à inferência de que alguma pessoa, possivelmente um monge daquele mosteiro, tenha falecido recentemente, e não um animal.

CAPÍTULO 3

William retira de sua sacola alguns objetos de uso científico. Ao ouvir barulho de passos se aproximando, esconde-os, o que pode levar à inferência de que a presença da ciência é um tabu naquele local. Logo, fica claro que as verdades dogmáticas têm muito mais valor nesse local do que verdades comprovadas cientificamente. O abade entra, e a conversa que ocorre entre eles parece ser distante, num tom respeitoso e formal. O grasnar do corvo faz com que William comente sobre o irmão que morreu a pouco e essa afirmação faz com que a audiência confirme as suposições iniciais. O abade se volta, parecendo atordoado com a menção de William, já que este deduziu sobre a morte de alguém.

O abade revela que foi o irmão Adelmo, o desenhista de iluminuras, quem falecera. William mostra saber quem é esse irmão por citar todo o nome: Adelmo de Otranto. A partir daí, é explícito para a audiência que havia mutilação no corpo do jovem monge e ambos concordam que ocorrera um acidente. Pelas expressões de ambos, a audiência pode inferir que o suposto acidente é uma desculpa para uma explicação que traz conforto espiritual, provavelmente porque eles não conseguem encontrar uma justificativa para a morte. Essa suposição se fortalece quando o abade fecha a porta, num ato ostensivo que leva a audiência a inferir que esse assunto não deve ser ouvido pelos demais: há algo por trás da verdadeira causa da morte. Segundo Sperber e Wilson (1995), o falante fornece pistas que acionam aquilo que foi dito, ou seja, a sua intenção. O ouvinte chega ao propósito do enunciado devido ao estímulo ostensivo – por parte do falante – que é consistente com o princípio comunicativo da relevância: cada estímulo ostensivo transmite uma presunção de sua própria relevância ótima. À audiência é dado o direito de esperar que o estímulo ostensivo seja pelo menos relevante para ser processado e de ter maiores expectativas a respeito dessa ostensão.

O abade demonstra estar ansioso para resolver a situação e percebe-se sua inquietação ao afirmar: “Quando soube que viria ao mosteiro, achei que fosse uma

resposta para minhas preces. Disse a mim mesmo: ‘Eis o homem que conhece o espírito humano e os ardis do demônio’.”. A colocação do abade revela a sua confiança em William, o qual poderia ajudar a solucionar esse mistério causador do desconforto espiritual dos monges que ali vivem. Como não há uma explicação natural, os monges se amparam na suspeita de existirem forças sobrenaturais agindo no mosteiro.

O abade continua a conversa descrevendo que o corpo fora encontrado mutilado, embaixo de uma janela, após um temporal. William deduz e explicita que a causa do desconforto espiritual é justamente a janela fechada: podendo ser aberta, só uma força sobrenatural para lançar o corpo do alto da janela. Aqui, a audiência desenvolve o raciocínio dedutivo, utilizando regras de eliminação da lógica cognitiva. Esta, ao contrário da lógica formal, leva em conta contexto e conteúdo. Assim, os mecanismos dedutivos dão um rigor formal à teoria, já que há uma preocupação com a noção de processamento inferencial: explicar como a mente processa as informações e como estas levam a conclusão. No entanto, Ibaños (2005) afirma que estas regras se desvinculam da lógica porque a validade das suposições do indivíduo depende de mecanismos cognitivos sintonizados com o mundo em que vive.

O provável cálculo mental formulado pela audiência a respeito do diálogo entre William e o abade poderia ser assim explicitado:

- S1. O abade pede ajuda a William na resolução do caso.
- S2. Ele não acredita na explicação de uma causa sobrenatural.
- S3. Ele provavelmente acredita que há alguém por trás dessa morte.
- C – O abade pede ajuda a William na busca do verdadeiro culpado.

Utilizando-se da memória de curto prazo, a audiência é capaz de lembrar da conversa anterior entre o abade e Malaquias e de deduzir que o abade provavelmente já sabe as causas da morte. Mesmo assim, por algum motivo, pede ajuda a William, declarando precisar de um homem perspicaz e prudente para encobrir tudo antes da chegada da delegação papal. Como ambos não acreditam numa explicação sobrenatural, e essa seria provavelmente a provável solução dada pela Inquisição, é possível inferir que eles devem encontrar o culpado a fim de encobrir o caso, de forma a passar uma imagem de segurança e conforto – típicas de um mosteiro. Uma explicação para o caso tranquilizaria o rebanho; caso contrário dever-se-ia recorrer à Santa Inquisição. Isso faz William se convencer de que é necessário fazê-lo, e a audiência pode inferir que a solução dada pela Inquisição viria a ser aquela que lhe conviesse, ou seja, uma morte por causas demoníacas.

CAPÍTULO 4

A cena da matança do porco, logo em seguida à menção da Inquisição, parece fortalecer a suposição de que a entidade era cruel, e essas imagens são propositadamente ligadas, como uma tentativa de reforçar essa idéia de perversidade das atitudes da entidade. O sangue, o corte e os gritos do animal são signos que representam a possível ferocidade da instituição.

A seguir, aparecem Adso e William numa igreja. Lá se encontra Ubertino de Casale (William Hickey), que está deitado em frente a uma santa. William explica ao jovem quem Ubertino é: “Venerado como um santo vivo, mas outros o queimariam numa figueira como um herege”. A audiência, então, passa a supor que o ancião provavelmente tem idéias contrárias àquilo que os demais pregam. Isso se fortalece quando William declara que o livro deste ancião - sobre a pobreza do clero - não é bem visto no palácio papal.

Ao aproximarem-se do ancião, este afirma que o demônio está rondando o local. A audiência infere, então, que a morte abalou a todos, inclusive a Ubertino. William se faz lembrar dizendo seu nome completo. Apesar das rezas de Ubertino para reencontrá-lo, o outro afirma ter se empenhado em ser esquecido. A audiência infere que poderia haver algo obscuro no passado dele.

William apresenta Adso a Ubertino. Este pede que tire o noviço dali depressa, pois “o demônio está jogando belos jovens pela janela”, numa referência ao ocorrido. Percebe-se a visão estreita dos mais velhos acerca de crenças e das experiências vividas. Parece que não davam importância a teorias científicas ou a conhecimentos advindos da racionalidade humana. Costumavam explicar tudo através do sobrenatural: tudo era culpa do demônio, como uma maneira fácil e confortável de justificar as situações. A argumentação lógica parecia não ter tanta representatividade quanto os argumentos a favor do sobrenatural, porque se baseavam somente nas explicações metafóricas da Bíblia. Além disso, os mais velhos geralmente não eram questionados, visto que a posição argumentativa deles tinha mais força e valor. A não-contestação por parte dos mais jovens fazia parte do temor sentido por eles devido à imposição através da palavra dos mais velhos.

CAPÍTULO 5

Enquanto William e Adso conversam sobre a solução do problema no local do acidente, os monges recebem donativos do povo, fato bastante significativo por este ser o dízimo cobrado pela Igreja em troca da prometida “paz espiritual”. De repente, uma porta se abre e de lá caem restos de alimentos provindos do mosteiro. William, então, declara: “Outra generosa doação da Igreja aos pobres” e aqui a audiência pode inferir que o mestre parece não concordar com essa atitude ao utilizar-se dessa ironia: apesar de o povo doar para a Igreja o que tinha de melhor, os que mais precisavam recebiam as sobras. De acordo com Sperber e & Wilson (1992), a ironia é usada para referir-se ao oposto do que realmente se quer dizer, fazendo com que o interlocutor assuma a verdadeira intenção comunicativa do falante: William não concorda com a atitude da Igreja em relação aos pobres, utilizando o vocábulo “generosa” para referir-se ao oposto do que ele pensa.

O local por onde caem os alimentos leva William a olhar para a torre perto dali. Encontra uma solução plausível para o caso: o monge se suicidara. Nesse momento, afirma ironicamente que não há mais demônio algum, e a audiência pode comprovar a coerência na hipótese de William. Para fortalecer a sua dedução, ele dá argumentos demonstrando como e por que o rapaz poderia ter se jogado da torre. Com essa constatação, Adso questiona:

Adso: Você acha que esse lugar foi abandonado por Deus?

William: Já conheceu algum lugar onde Deus se sentiria em casa?

Com base nesses enunciados, a audiência imediatamente pode inferir:

S1. O ser humano tem atitudes não condizentes com a bondade divina;

S2. Homens têm fraquezas e cometem deslizes;

S3. Deus pode não gostar das atitudes humanas;

C – Deus não ficaria perto dos homens.

CAPÍTULO 6

Na hora da refeição, durante as preces, o abade cita a presença do irmão William, cujas experiências e incumbências anteriores foram significativas e úteis para o mosteiro. Aqui, Adso e William se olham. Por causa dessa imagem, a audiência pode

inferir que, apesar de ter dito que nunca estivera ali, possivelmente ele trabalhou pelo lugar, o que faz com que se pense o contrário do que ele dissera para o noviço.

No claustro, enquanto William utiliza um instrumento científico, Adso o questiona sobre as tais incumbências citadas pelo abade. O mestre desconversa, dizendo que até os monges têm passado. Pode-se inferir que:

- S1. William prefere não falar do passado
- S2. O passado o incomoda.
- C – Há algo de errado em seu passado.

De acordo com Silveira (2002), é possível que, de uma determinada conclusão, sejam geradas novas premissas que levam a uma nova conclusão. Assim, de premissas verdadeiras seguem-se outras premissas. Há uma recursividade de contexto, em que, do conteúdo de um contexto, forma-se outro através do *input* recebido, como demonstrado no provável cálculo mental abaixo, derivado da conclusão acima:

- S1. Monges também são humanos
- S2. Humanos erram.
- C – Logo, ele pode ter errado.

A seguir, há uma seqüência de imagens, sugerindo um encadeamento de idéias: um monge lê para o ancião Jorge um texto que fala que o aumento do conhecimento é proporcional ao aumento do sofrimento; para o ancião, o conhecimento que vai além das verdades dogmáticas traz transtornos àquele que o adquire. Venâncio (Urs Althaus) – o tradutor grego – lê sozinho na sala dos copistas e gargalha. Ele parece transgredir essa norma do ancião, ao ler escondido, possivelmente por tratarem-se de textos que não fazem parte da leitura dos demais. Berengário (Michael Habeck), um monge albino, se chicoteia, como uma forma de autopunição, provavelmente por transgredir alguma norma. Adso tem pesadelos, talvez por estar enxergando um conhecimento que o atormenta, justamente aquele evidenciado pelo mestre.

CAPÍTULO 7

No outro dia, durante a missa matinal, um dos monges entra gritando: “aconteceu uma calamidade”. Todos, então, saem e vão até o local do ocorrido. Vê-se um homem mergulhado num caldeirão de cabeça para baixo. Descobre-se que é Venâncio, o tradutor grego. Enquanto William diz que pretende descobrir a relação

entre as mortes, Ubertino grita que isso seria uma das profecias do Apocalipse. Isso pode levar à suposição de que os mais velhos preferem acreditar em verdades dogmáticas – indiscutíveis – fortalecendo a suposição de que eles detêm a verdade e os outros a aceitam sem que ela seja contestada. Por *suposições*, entendem-se pensamentos tratados por indivíduos como representações do mundo real (Sperber & Wilson, 1995). A expressão de desespero dos demais evidencia essa suposição, já que ficam ao redor de Ubertino por acreditarem nas palavras dele.

CAPÍTULO 8

Enquanto limpam o corpo, William e o irmão Severino (Elya Baskin) conversam informalmente. O primeiro observa que há arsênico em uma das vasilhas e percebe-se que ele faz inferências a respeito da presença da substância naquele lugar. A audiência supõe, então, que o mestre desconfia de que essa substância tem relação com a morte do tradutor.

Segundo Severino, Venâncio era amigo de Adelmo, o outro irmão morto. Ambos trabalhavam no escritório e tinham um bom relacionamento, mas de forma fraternal. O uso do item lexical ‘mas’ leva a uma implicatura convencional, em que, segundo Grice (1975), o significado depende das palavras do enunciado para ser compreendido. Sendo assim, ‘mas’, nesse enunciado, expressa uma idéia de contradição de idéias: enquanto o ouvinte poderia pensar numa relação fraternal muito mais do que amizade, esse conector deixa subentendido que não poderia existir qualquer relação homossexual entre eles, provavelmente algo comum na época. Essa suposição se fortalece quando Severino afirma que a carne pode ser tentada de acordo com a natureza ou contra ela, mas explica que eles não tinham essa tendência.

Na cena seguinte, Adso visita um pequeno santuário no qual há imagens assustadoras, e seu temor aparenta ser tão grande que as expressões faciais das figuras parecem mudar. De repente, surge da penumbra Salvatore (Ron Perlman), um monge corcunda que lhe causa temor, tanto por sua aparência como também por gritar a palavra “Penitenziagite”. Percebe-se o monge não falar em uma língua conhecida, fato ostensivo tanto para a audiência quanto para o noviço. Com isso, pode-se inferir que o fervor religioso leva Salvatore a extrapolar a noção de devoção.

No momento em que William entra repetindo a expressão “Penitenziagite”, o corcunda muda completamente. Esse é um estímulo ostensivo para a audiência, uma vez que percebe a postura de Salvatore tornar-se temerosa diante do mestre, o qual questiona sobre o uso dessa palavra. Um comunicador ostensivo (Salvatore) e um destinatário (William e Adso) envolvido com as inferências que vêm da ostensão desse comunicador fazem parte de um jogo comunicativo como parte das operações mentais no processo inferencial. De acordo com Sperber & Wilson (1995), cada estímulo ostensivo transmite uma presunção de sua própria relevância ótima. Por isso, o item lexical pronunciado por Salvatore torna-se relevante o suficiente para ser válido ao esforço de processamento de William e chama a atenção por não pertencer à língua alguma. Assim, o corcunda desconversa ao dizer que a sua retórica não é boa. Pode-se deduzir que há algo por trás desse assunto que vai além da idéia de um discurso mal pronunciado; provavelmente, um estímulo ostensivo indicando que o assunto não deve ser prolongado.

Ao sair do local, Adso pergunta qual língua Salvatore falava. William responde: “Todas as línguas e nenhuma”. Provavelmente supõe-se que a mistura de várias línguas serve a um caráter universal, ou seja, pretende-se que *essa língua* chegue à compreensão de todos.

A palavra “Penitenziagite”, pronunciada várias vezes, é explicada por William por ser o grito de reunião dos Dolcinites, pessoas crentes na pobreza de Cristo. Os Franciscanos, por sua vez, também tinham essa crença, mas com a diferença de os Dolcinites quererem a pobreza de todos. Por isso, William afirma que o corcunda era um herege: nesta seita era costume matar pessoas ricas. Com essa afirmação, o mestre pontua: “O passo entre a visão elevada e o frenesi pecaminoso é bem curto”. A inferência, aqui, é clara: para algumas pessoas, não há discernimento entre religiosidade e delírio religioso, tanto é que matavam em razão da fé (o que parece ser desfocado do propósito da missão de um monge). Adso, processando essa informação, desconfia ser Salvatore o assassino do tradutor, mas essa suposição é contradita quando William diz: “Bispos gordos e padres ricos eram mais do gosto dos Dolcinites, não um estudioso de Aristóteles”. Esse é um convite a inferir que Venâncio teria feito votos de pobreza e, por essa razão, não poderia ser Salvatore o assassino. Essa inferência só é possível porque houve uma formação de hipóteses, gerando uma implicação contextual. Esta, por sua vez, origina os efeitos contextuais, isto é, quando uma informação nova *P* é unida a uma informação velha *C*, ocorre a contextualização de *P em C*. Desta forma, o contexto é

aperfeiçoado através de três formas de efeito: por adição (ou *implicação sintética*, ou seja, há uma interação entre informação nova e velha), por fortalecimento (a informação nova fornece evidência maior para as informações velhas) ou por contradição das informações (a informação nova se opõe às informações velhas). No caso da cena em questão, houve uma contradição das suposições iniciais de Adso, sendo evidenciadas pela nova informação de que Venâncio, sendo pobre, não seria alvo do corcunda.

CAPÍTULO 9

Nesse capítulo, Adso e William procuram pistas para desvendar a morte. Investigam o caldeirão e as pegadas deixadas na neve. Ao encontrá-las, criam suposições sobre como teria sido o percurso feito pelo suposto assassino: provavelmente ele poderia ter carregado o corpo, já que as pegadas eram profundas.

Eles entram no escritório onde estão os monges copistas. Ao perceber a presença do noviço e seu mestre, o bibliotecário imediatamente fecha uma porta. A audiência supõe, então, que algo pode estar escondido atrás dela.

William pede para ver o trabalho dos dois irmãos falecidos, causando hesitação por parte do bibliotecário. O mestre retira da túnica uma peça óptica, causando espanto por parte dos presentes: “Olhos de vidro em aros gêmeos!”. Isso leva à suposição de William provavelmente estar à frente de seu tempo, comprovada se utilizada a memória de curto prazo ao lembrar dos diálogos dele com as pessoas. Ao ter acesso a um pergaminho, faz observações a respeito das gravuras: há um burro ensinando escritura aos bispos, o Papa é representado como uma raposa e o abade, como um macaco. Analisando essas imagens, é possível criar inferências devido à memória enciclopédica sobre simbologia. Fica implícito o primeiro animal conotar uma pessoa sem inteligência, a qual passa conhecimentos a autoridades da igreja – o que deveria ser o contrário, visto que bispos deveriam receber o conhecimento a fim de usá-lo com sabedoria; recebendo-o de um “burro”, provavelmente o usariam de forma deturpada. A representação do Papa como uma raposa sugere esperteza e dissimulação; assim, essa autoridade provavelmente utilizava essa qualidade voltada a interesses próprios. A raposa implica, neste caso, que o membro maior da Igreja age desonestamente, ludibriando os fiéis, ou seja, utilizando essa virtude como forma de manipular as pessoas. O último animal, para o imaginário cristão, representa a imagem do homem

degradado por seus vícios e, sobretudo, pela vaidade, como uma alusão à atitude de abades, representantes da intolerância religiosa. Diante disso, observa-se que o mestre parece concordar com a ironia emergida dos desenhos: “Talento desafiador para desenhos cômicos”.

Berengário assusta-se com um rato, provocando risadas nos demais. Irmão Jorge se enfurece, porque, a seu entender, monges não devem rir. Nesse momento, inicia-se um debate entre Irmão Jorge e Irmão William:

J - (...) ouvi pessoas rindo de coisas risíveis. Mas vós, franciscanos, pertenceis a uma ordem na qual a alegria é vista com indulgência.
W - É verdade – São Francisco era dado ao riso.
J - O riso é uma brisa demoníaca que deforma os traços do rosto e faz os homens se parecerem com macacos.
W - Macacos não riem. O riso é particular dos humanos.
J - Como o pecado. Cristo nunca riu.
W - Podemos ter tanta certeza?
J - Nada nas Escrituras diz que ele riu.

Cada argumento gera uma série de inferências, permitindo uma nova alegação. O raciocínio de Jorge para as asserções poderia ser demonstrado usando-se regras dedutivas de eliminação:

S1. Se o riso é algo demoníaco e é próprio do ser humano,
S2. Se o pecado é próprio dos humanos,
C - Então, rir é pecado.

Paralelamente, William também desenvolve um cálculo inferencial, expressando o seu modo de pensar:

S1. Para os franciscanos, o riso é uma indulgência.
S2. Rir é particular nos humanos.
C - Logo, o riso não é algo ruim e pecaminoso.

Cálculo, termo emprestado da lógica formal, serve para explicar os processos mentais na Teoria da Relevância. Enquanto em lógica demonstram-se todas as premissas que necessariamente levam a uma conclusão, na cognição humana as inferências não-demonstrativas seguem um cálculo não-trivial. Então, a verdade das premissas torna a verdade das conclusões apenas provável. Não há um conjunto de regras que gere apenas conclusões válidas a partir de um conjunto de premissas fixadas (Silveira, 2002: 357).

Cada indivíduo é único por ter pensamentos próprios e, logo, suposições particulares. Para Sperber & Wilson (1995: 16), os indivíduos são altamente

idiossincráticos. Apesar de pertencerem à mesma comunidade lingüística e convergirem nas mesmas habilidades inferenciais, o mesmo não é verdade para as suas suposições a respeito do mundo. Assim, podemos corroborar com essa afirmação ao analisarmos os possíveis cálculos mentais de ambos os monges. O debate segue, e os monges continuam a argumentar:

W - Nada nas Escrituras diz que ele não riu. Até os santos usaram de comédia para ridicularizar os inimigos da fé. Quando pagãos mergulharam São Mauro em água fervente, ele reclamou que seu banho estava frio. O sultão colocou a mão e se queimou.

J - Um santo imerso em água fervente não faz brincadeiras infantis. Ele reprime os gritos e sofre pela verdade.

W - Ainda assim Aristóteles dedicou o segundo livro da “Poética” à comédia como instrumento da verdade.

J - Já leste essa obra?

W - Não, claro que não. Perdeu-se há vários séculos.

J - Mentira! Ela nunca foi escrita. A providência não deseja que futilidades sejam glorificadas.

W - Isso eu devo contestar...

J - Chega!

Para William, não há argumentos substanciais favorecendo a posição de Jorge. Para provar suas certezas, o mestre utiliza-se de uma falácia de autoridade, em que atribui a um santo e a um filósofo a experiência do riso e do humor. Ao continuar o embate, Jorge, sem argumentos consistentes e nem suficientes, encerra o diálogo bruscamente.

Ao se aproximarem da mesa do tradutor grego, Berengário larga alguns livros sobre os pergaminhos que lá estão. Pode-se inferir que há algo o qual não podem saber. Fora do escritório, William e Adso refletem sobre a pouca quantidade de livros na biblioteca. William afirma: “na torre pode existir algo mais do que ar”. Isso reforça a suposição de existir algum mistério o qual os responsáveis pela biblioteca não querem revelar, e este poderia ser solucionado se soubessem o que está contido na torre.

De acordo com Silveira & Feltes (2002), as suposições constituem os ambientes cognitivos dos indivíduos – construídas mentalmente e trazidas à memória no processamento de uma informação – tornam-se manifestas e acessíveis através de estímulos ostensivos. A força das suposições é maior ou menor dependendo da acessibilidade do contexto e das suposições anteriores. Decodificação lingüística, percepção, suposições e esquemas de suposições armazenados na memória e dedução dão suporte à força das suposições por fazerem parte do processo global da informação. Desse modo, quanto menor o esforço para se recuperar uma suposição nos esquemas mentais, maior a relevância da informação. Por isso, o esforço da audiência para

recuperar a informação de que há um mistério acerca dos crimes é mínimo, já que o ato ostensivo de Berengário e o contexto têm efeitos máximos sobre a suposição.

CAPÍTULO 10

Enquanto William e Adso andam e conversam, alguém joga um bloco de concreto do alto do estábulo. Supõe-se que alguém tenta acertá-los e, utilizando a memória enciclopédica, a audiência deduz que provavelmente essa pessoa não quer que o mistério seja resolvido. Adso descobre ser Salvatore o responsável pelo ato. Nesse momento entra Remigio de Varagine (Helmut Qualtinger), o qual repreende o corcunda, e suplica: “Por favor, senhor, não fales com o abade sobre o passado dele. Ele é inocente das mortes desta abadia”. Com isso, conclui-se existir muito mais no passado de Salvatore do que se supunha. William, aproveitando-se disso, avisa que o preço de seu silêncio são algumas informações.

Na cena seguinte, vão à biblioteca. Adso questiona-se quanto à atitude de William em descartar a hipótese de ser Salvatore o culpado das mortes. Inocentemente, ele acredita que o mestre não conseguia resistir à tentação de olhar os livros. Já a audiência infere que ele pretende investigar a relação dos crimes com a biblioteca. É provável Remigio estar cumprindo um favor por estar junto a eles.

No escritório, Berengário está sentado à mesa, lendo. Ao ouvir barulho, ele se espanta e corre. Chegam Adso e William, que se direcionam à porta que fora fechada pelo bibliotecário. Percebem, então, não haver maçaneta. Logo, deduzem existir outra entrada. O processamento dedutivo de informações é automático e inconsciente. A partir do conjunto de suposições já estocadas na mente, vêm à tona somente aquelas relevantes para a nova suposição:

- S1. O bibliotecário fechou a porta.
- S2. A porta não tem maçaneta.
- S3. Possivelmente há um modo de passar pela porta.
- C. Como não há maçaneta na porta, deve haver uma outra entrada.

Vão à mesa onde estava Berengário, tentando saber o que ele estava escondendo na última visita. A audiência associa esse móvel àquele do tradutor grego. Ao investigar os vestígios deixados por lá, encontram um pedaço de papel com pequenas letras gregas onde está escrito: “Use as pessoas vulgares... aproveite-se de seus defeitos...”. Após ler,

William sente um cheiro de suco de limão e, por isso, infere que algo possa estar escrito e não se pode ver a olho nu. Coloca o papel perto da chama da vela e vê símbolos do zodíaco, o que leva a concluir que este é um código com indicações para algum lugar. A audiência infere ser esta a pista a qual pode levar ao local onde estão os livros e, conseqüentemente, esta poderia ser a chave para todas as mortes.

Berengário, com o intuito de dispersar a atenção deles, joga uma ferramenta. Assim, ele pega o livro e os óculos de William, e sai correndo. A audiência, processando essa inferência, percebe haver algo no livro que eles não podem ver. Os dois tentam persegui-lo, mas o perdem de vista.

CAPÍTULO 11

William e Adso se separam para procurar Berengário. O noviço entra num local. Ao perceber a presença de alguém, se esconde. Remigio entra e chama por alguém, provavelmente do sexo feminino, já que usa as palavras femininas: “Apareça, vagabunda”. Não encontrando o que procurava, vai embora. Adso sai do esconderijo e se depara com uma garota (Valentina Vargas), reforçando a suposição anterior.

A seguir, a cena mostra Berengário entrando num local onde supostamente trabalha o farmacêutico. Ele esconde o livro e os óculos e pega um pote grande. Apresenta uma expressão de desespero e, por causa disso, a audiência supõe que ele pode estar sofrendo pelo mistério acerca desse livro. Uma outra hipótese possível é de que talvez esteja sentindo dor. O processo para alcançar conclusões válidas e não-demonstrativas é geralmente dividido em formação de hipóteses e confirmação delas. Assim, o levantamento de hipóteses é uma questão de criatividade por parte dos ouvintes; a confirmação dessas hipóteses pode ser vista como um processo lógico governado por regras inferenciais (Sperber & Wilson, 1995: 68).

A cena volta para Adso e a garota, a qual o inicia sexualmente.

CAPÍTULO 12

Salvatore está no cemitério a ponto de comer um rato. William o intercepta e usa da argumentação ao dizer que, como Salvatore é um bom cristão, deve contar a algumas

coisas ao mestre. Com isso, este consegue a revelação de que Adelmo entregara o pergaminho ao tradutor grego.

Adso encontra-se sozinho. Veste-se e vê um embrulho, contendo um órgão animal. Ele corre ao encontro do mestre acreditando ter descoberto uma parte de alguma vítima. Sperber & Wilson (1995) definem que a relevância de uma suposição se caracteriza numa relação de esforço de processamento: uma suposição é relevante se os efeitos contextuais são amplos e se o esforço de processamento é pequeno. Cada enunciado cria uma expectativa de relevância, e é a partir disso que o critério para a avaliação de interpretações alternativas é construído. Smith e Wilson (1992) dizem que a noção de relevância ótima simplifica o que o ouvinte está ouvindo em termos de esforço e efeito. Desse modo, um enunciado é otimamente relevante se e somente se alcança efeitos suficientes para chamar a atenção do ouvinte e o leva a um esforço não-gratuito ao alcançar esses efeitos. Assim, por causa do processamento instantâneo das informações, ao deparar-se com o órgão, Adso rapidamente aumenta seus efeitos contextuais, bastando pouco para acreditar que seja de uma das vítimas. Essa suposição é enfraquecida quando o mestre aponta que aquilo é um coração de boi, pois é grande demais para caber num peito humano. Ele explica, ainda, que o coração deve ter sido dado à camponesa em troca de favores. A audiência, sabendo do ocorrido entre a moça e Adso, infere ser esses “favores” provavelmente de ordem sexual. O noviço pergunta de qual camponesa o mestre está falando, numa tentativa de omitir-se do ocorrido. Contudo, William demonstra saber o que aconteceu ali. Em seguida, ocorre o seguinte diálogo:

William: Deve ter sido um monge bem feio.

Adso: Por que feio?

William: Se ele fosse belo e jovem, ela sem dúvida o abençoaria com os prazeres da carne em troca de nada.

A partir desse diálogo, podem-se fazer várias inferências:

S1. William sabe do ocorrido.

S2. Todo monge é homem.

S3. Todo homem tem instintos e desejos.

C – Monges também têm desejos carnis e algumas vezes os realizam.

A partir da afirmação de William e do cálculo inferencial acima, a audiência infere que ele usou de ironia ao afirmar que deve ter sido um monge bem feio. A ironia é um recurso que distancia o falante de sua opinião e, ao mesmo tempo, diz o contrário do que se pensa (Sperber & Wilson, 1992). Assim, a colocação irônica de William leva

a audiência a inferir que este fez uso do item lexical “feio” em contraposição a “belo” a fim de não acusar explicitamente o rapaz. A ironia é fortalecida pela imagem do rapaz, bonito para a sua época, num local onde há muitas pessoas de aparência feia.

CAPÍTULO 13

No catre, Adso está inquieto: quer contar algo a William. Este afirma que já sabe do que se trata. A audiência, usando sua memória de curto prazo, infere que eles mencionam o ocorrido entre Adso e a camponesa. Mesmo assim, o noviço quer se confessar. Os espectadores utilizam sua memória enciclopédica para perceber que Adso estabelece uma relação protocolar dentro dos princípios católicos, relação distante simbolizada pela figura do padre e do fiel. William, por sua vez, quebra a barreira formal dizendo que o ouvirá como um amigo. Infere-se que ambos querem aproximar-se através do diálogo. Como o mestre permite essa aproximação, Adso sente-se à vontade para falar de assuntos pessoais. Pergunta se o mestre se apaixonou alguma vez. Este afirma que sim e várias vezes. Nesse momento, a audiência infere que:

- S1. As pessoas normalmente associam paixão a ligações amorosas.
- S2. Monges fazem votos de castidade.
- S3. William é um monge.
- S4. Por fazer votos, é incoerente que diga que já se apaixonou.
- C – A afirmação de William causa estranheza.

Em seguida, essas suposições são enfraquecidas pela afirmação do próprio William ao citar sua paixão por filósofos. Com esse fato, pode-se entender que uma implicatura inicialmente fraca, que parecia ter-se tornado fortemente comunicada, é eliminada diante da maior força de confirmação de outra suposição (Silveira, 2002). Aqui, segundo Ibaños (2005), uma nova informação fornece evidência contra as antigas. Nesse momento, a audiência percebe que ele, na verdade, quer saber a respeito da relação homem-mulher a fim de compartilhar suas angústias. William parece ser um modelo que o jovem segue. Então, essa informação é relevante para guiar a conduta do rapaz.

William percebe os rumos da conversa e, ao notar a preocupação de Adso pela camponesa, imediatamente confirma a suposição de que o noviço poderia estar apaixonado por ela. Há um questionamento acerca do amor, argumentado e contra-

argumentado: ambos tomam fatos bíblicos com o intuito de convencer um ao outro. Para reforçar o poder de persuasão, o mestre apresenta a mulher como um ser vil, o qual desvirtua o homem. No entanto, ele afirma que Deus jamais criaria um ser tão vil sem dotá-lo de algumas virtudes. Com isso, a audiência infere que a mulher possui qualidades diferentes das do homem. Essas peculiaridades femininas – supostamente ligadas ao amor e à paixão – são confirmadas a seguir quando William argumenta que a vida seria tão monótona sem o amor.

CAPÍTULO 14

William e Adso procuram por Berengário, o monge albino. A audiência, utilizando de sua memória de curto prazo, liga esse monge à chave de todo o mistério. Eles vão à biblioteca e encontram o irmão Malaquias, que não dá nenhuma informação nem permite o acesso deles à biblioteca.

Durante a celebração religiosa, ambos percebem a ausência de Berengário. Isso é relevante, pois William e Adso o procuravam anteriormente. Adso sugere a procura dele na água, uma vez que Ubertino citara o Apocalipse. Pode-se inferir o noviço estar influenciado pela seqüência de mortes, similar ao dito no referido livro. William trata de dissipar essa idéia, dizendo não ser o livro o foco da investigação.

CAPÍTULO 15

Irmãos franciscanos chegam ao mosteiro. Numa conversa com William, mostram saber dos comentários sobre a presença do demônio naquele local. Com isso, William confirma essa hipótese e, no momento seguinte, a enfraquece dizendo que o desejo das pessoas faz com que o demônio trabalhe ali. Os franciscanos argumentam a respeito da crença de Ubertino sobre a situação. Supõe-se que estes irmãos tentam se convencer disso ao informarem que o Papa pode acabar com a ordem deles. A prova de que Ubertino esteja certo poderia ser uma manipulação por parte da Inquisição – entidade incumbida de investigar os desvios cometidos pelos homens. Assim, supõe-se que seria pouco provável, na opinião da Igreja, seus integrantes terem relação com as

atrocidades ocorridas. Caso William comprovasse o contrário, o mosteiro seria visto com maus olhos, sendo mais fácil acusar os franciscanos de hereges.

O boticário, apavorado, procura por William e o leva ao local onde Berengário jaz imerso em uma banheira com água e ervas. Na sala de necropsia, William constata que tais ervas servem para aliviar a dor. Logo, o monge provavelmente estaria tentando aliviar as dores que o consumiam, reforçando a segunda hipótese formulada ao final do capítulo 11. Ao ver o dedo manchado, o boticário supõe ser tinta, o que é enfraquecido pela presença da mesma mancha na língua do cadáver.

CAPÍTULO 16

William mostra um papel contendo palavras em grego ao abade. Embora seja uma possível chave para desvendar os crimes, este permanece indiferente. William segue apresentando as suas suposições, enquanto seu interlocutor continua desinteressado, afirmando não existir nada de relevante nas colocações do irmão franciscano. Em seguida, este aproxima a folha de um candelabro para mostrar a prova oculta. Expõe que as palavras escritas com suco de limão são de um canhoto, e o único canhoto naquele mosteiro era Berengário.

William faz uma retrospectiva dos acontecimentos envolvendo Adelmo, Venâncio e Berengário. Passa então a dissertar sobre a possível explicação para o segredo a que os três mortos estavam expostos:

- S1. Havia na biblioteca livros espiritualmente perigosos.
- S2. Berengário tinha paixão por belos jovens.
- S3. Adelmo quis ler um daqueles livros.
- S4. Berengário mostrou a Adelmo como e onde encontrá-los.
- S5. A chave para encontrar os livros estava no pergaminho que o abade segurava.
- S6. Berengário ofereceu ajuda em busca dos livros em troca de carícias antinaturais.
- C – Adelmo cede aos desejos de Berengário e, invadido pelo remorso, entrega o pergaminho a Venâncio. Desesperado, o belo Adelmo se suicida.

O corcunda testemunhou o momento do suicídio e a audiência, usando da memória enciclopédica, pode lembrar que William conversara com Salvatore no cemitério. Em seguida, o mestre fala de Venâncio, que encontrou o suposto livro e o leu. Ao folheá-lo e fazer anotações, morre com uma mancha preta no dedo. É

Berengário que o encontra. Arrasta-o até o chiqueiro, onde o corpo é encontrado um dia depois. Após ler o livro que Venâncio deixara sobre sua mesa, Berengário é acometido por uma forte dor. Toma um banho com folhas de lima, mas acaba se afogando. Com essa constatação, William conclui que as três mortes foram causadas por um livro que mata ou por alguém que pode matar. Ou seja, o livro pode estar envenenado por alguém levado a proibir esse tipo de leitura por conter valores diferentes daqueles pregados pela Igreja.

Nesse momento William é interrompido pelo irmão Jorge. O bibliotecário cochicha algo para o abade. Ao ouvi-lo, este agradece os esforços de William e pede o encerramento das investigações, queimando o pergaminho. Este é um estímulo ostensivo para a audiência, a qual percebe que o abade tenta esconder algo. O abade avisa a chegada de alguns enviados do Papa, entre eles, Bernardo Gui, o Grão-Inquisidor, conhecido antigo de William. A afirmação do abade provoca a construção de inferências na audiência, que percebe a expressão de desagrado de William, provavelmente por ter algo contra o inquisidor.

CAPÍTULO 17

William se reúne com os franciscanos. Eles falam de providências a serem tomadas antes que Bernardo Gui chegue. Primeiro, Ubertino deve ser levado a um local seguro. Utilizando a memória de curto prazo, pode-se lembrar do comentário de William sobre os escritos hereges do ancião. Segundo, os franciscanos pedem que William deixe as investigações. William defende-se, dizendo terem fundamentos as suas palavras. Os outros se irritam porque William quer sempre provar suas convicções estarem certas. Um deles lembra ter sido o orgulho intelectual do monge inglês o responsável pelos conflitos entre ele e Bernardo. A audiência fortalece a suposição de que William tem algo contra Bernardo.

O enunciado de um dos franciscanos “Nem o imperador poderá salvar-te se te meteres com Bernardo de novo” faz com que a audiência crie inferências que podem ser assim expressas:

- S1. William e Bernardo já se conhecem.
- S2. Bernardo e William já se confrontaram.
- S3. Bernardo tem poder.
- C – Bernardo pode prejudicar William, caso este não pare com as investigações.

Na cena seguinte, Adso sai do mosteiro e vai até o local onde vive a camponesa. Lá ele vê a degradação, a miséria e a imundície. Ao se deparar com essa situação, louva a Deus por sua condição de franciscano. Assim, podem-se criar inferências a partir desse pensamento:

- S1. Adso apaixonara-se pela camponesa.
- S2. Ele vai atrás dela com o intuito de vê-la.
- S3. Depara-se com uma situação degradante.
- S4. Percebe que sua situação é bem melhor que a dela.
- C – Ele prefere ficar no seu *status* de franciscano a viver com alguém que se encontra na miséria.

Na celebração religiosa, enquanto cantam, Adso vê o bibliotecário sair de uma portinhola e unir-se aos demais. Ao fazer uma reverência, percebe-se que a capa em sua cabeça está suja. Com isso, pode-se deduzir ser aquela a provável entrada para a biblioteca. O local por onde ele passou é possivelmente pouco freqüentado, visto que há marcas de sujeira em sua roupa.

A última cena deste capítulo mostra a partida de Ubertino. Lembrando-se do desejo dos irmãos franciscanos de levá-lo para um outro local, pode-se supor que o mosteiro não é considerado seguro pelos próprios monges.

CAPÍTULO 18

À noite, William e Adso entram na Igreja e seguem a pista deixada pelo bibliotecário. Entram em uma sala, a qual contém um altar com figuras cadavéricas. Escolhem a figura mais assustadora e descobrem ser esta a chave para uma abertura embaixo do altar. Eles descem até as fundações da torre e chegam à biblioteca. Lá encontram milhares de livros, possivelmente escondidos por serem proibidos.

CAPÍTULO 19

O mestre afirma que os livros estão escondidos por conterem uma sabedoria diferente, com idéias que fazem duvidar da infalibilidade de Deus. Parece, então, que ele possui um desejo pela verdade, combinado com uma dúvida constante e alimentada

sobre se a verdade é sempre o que parece. Supõe-se, assim, que os monges queriam preservar os princípios cristãos e para isso deveriam ocultar qualquer conhecimento que pusesse em dúvida os dogmas católicos. Provavelmente esses princípios são contrários ao pensamento de William.

Adso e William se separam e com isso se vêem em um local com diversas salas e escadas, como se estivessem em uma babel de livros, um labirinto com vários lugares. Eles se perdem. O mestre orienta o jovem a andar sempre à esquerda, lendo um livro em voz alta. Além disso, para não se perder, o noviço amarra um fio de sua roupa que vai se desmanchando, conforme ele anda.

CAPÍTULO 20

Os dois irmãos acabam se encontrando numa sala. Há uma porta com espelho. William se aproxima dela e acaba caindo em um alçapão. Adso o ajuda a subir, mas o mestre está mais preocupado com os livros queimando devido ao seu lampião ter caído junto com ele. Ao recuperar-se do susto, percebe que os obstáculos – a porta com espelho e alçapão – são pistas, e a audiência supõe que eles estejam a caminho de desvendar o mistério. Usando as instruções deixadas pelo tradutor, Adso e William tentam descobrir como abrir a porta com o espelho. Desistem e saem do labirinto. Nesse meio tempo, os inquisidores chegam ao mosteiro.

CAPÍTULO 21

O corcunda encontra-se com a camponesa e é claro para a audiência que eles fazem uma troca: ela entrega seu corpo em troca de uma galinha preta que provavelmente servirá de alimento. Logo eles são descobertos pelos inquisidores. Bernardo Gui, ao ver um gato e uma galinha pretos, condena-os por rituais satânicos. Para a audiência este é um gesto claro de persuasão sobre os demais já que ele representa uma autoridade imposta pela Igreja. Essa é uma suposição fortalecida quando Adso diz que a galinha serviria como alimento, opinião provavelmente compartilhada por William. Como este não diz nada, pode-se supor que ele não queira se envolver com esse assunto por prováveis divergências com Bernardo no passado.

CAPÍTULO 22

No catre, Adso protesta por seu mestre não ter defendido a camponesa, apesar de saber a verdade. Nesse momento, a audiência utiliza sua memória de curto prazo e é capaz de lembrar da reação de William a respeito da presença de Bernardo naquele mosteiro: não se posiciona sobre o inquisidor. Essa suposição é fortalecida no momento da confissão de William: este fora um inquisidor. Por causa de Gui, foi acusado de herege por defender seus ideais, tendo de abandoná-los mais tarde.

Na cena seguinte, Salvatore, ameaçado por Bernardo Gui, é questionado sobre o responsável pelos assassinatos. O corcunda, misturando várias línguas, afirma não saber de nada.

CAPÍTULO 23

Os enviados do papa chegam ao mosteiro. Mas o pensamento de Adso está centrado no destino da moça. Esse fato é muito mais relevante para o noviço e está manifesto cognitivamente por duas razões: ele acredita estar apaixonado por ela e reforça os ideais nos quais ele e seu mestre acreditam. Sperber & Wilson (1995) afirmam que um fato é manifesto para um indivíduo num dado tempo se e somente se ele é capaz de, naquele momento, representá-lo mentalmente e aceitar representação desse fato como verdadeira ou provavelmente verdadeira. Sendo assim, essa afirmação se confirma porque se percebe que Adso é capaz de representá-lo naquele momento em seu ambiente cognitivo⁶.

Enquanto os franciscanos discutem se a Igreja deveria ou não ser pobre, Severino chama William para contar-lhe que o livro em grego fora encontrado. O Mestre pede para que o boticário retorne ao laboratório e não toque no livro. Seguindo essas instruções, ele volta ao local e o encontra destruído. O boticário avista o livro e, utilizando a memória de curto prazo, lembra-se da advertência do mestre de não tocar no livro. Ao procurar por luvas, percebe existir mais alguém no ambiente. Sua

⁶ O ambiente cognitivo de um indivíduo é um conjunto de fatos que são manifestos para ele.

suposição é fortalecida quando um monge se aproxima e o mata com um golpe na cabeça. Ao fugir com o livro, é possível criar as seguintes inferências:

- S1. Alguém é capaz de matar por um livro.
- S2. Algo no livro pode matar.
- S3. O livro pode ser a chave para o mistério.
- S4. Se alguém mata e rouba o livro,
- C – Esse alguém não quer que o segredo seja revelado.

CAPÍTULO 24

Malaquias encontra-se com Remigio; este está com o livro em suas mãos. O bibliotecário o alerta a fugir, já que Salvatore confessara o passado herege tanto dele mesmo quanto de Remigio. Ele tenta escapar, mas é surpreendido pelos guardas da Inquisição. Aqui, é possível perceber a atitude forjada de Malaquias para Remigio ser pego em flagrante.

Bernardo Gui acusa Remigio pelo assassinato de Severino. William investiga o corpo da vítima e, ao olhar a mão de Severino, a audiência pode inferir que ele procura pela mesma mancha no dedo, marca presente nas outras vítimas. Mesmo assim, o mestre não se pronuncia.

No catre, William e Adso discutem: para o noviço, o mestre não se importa com as pessoas; o mestre, por sua vez, tenta estudar uma forma de desvendar os mistérios, sendo esta sua forma de demonstrar misericórdia.

CAPÍTULO 25

No tribunal da Inquisição, Bernardo Gui convoca o abade e William a fazerem parte do julgamento de Salvatore, da camponesa e de Remigio de Varagine. A audiência infere, então, que Gui chama William propositadamente devido aos acontecimentos em outros tribunais da Inquisição nos quais ambos estiveram presentes.

Ao trazerem os réus, Bernardo faz Salvatore repetir sua confissão. O corcunda fala em línguas diversas, sendo difícil compreendê-lo. O inquisidor o ignora, e chama Remigio, que confirma vários crimes, inclusive contra a própria Igreja. Nessa confissão ele afirma ter pilhado e queimado propriedades da Igreja, além de ter matado vários

bispos e padres. Esses atos vão contra os princípios dessa instituição, demonstrando ele ser uma representação daqueles que não acreditam nos valores impostos pela Igreja.

CAPÍTULO 26

Adso, em frente à estátua da Virgem Maria, implora a ela um milagre: a salvação da camponesa. Ele acredita ser o culpado por ela estar presa. A audiência usa a memória de curto prazo para entender o sentimento de culpa pelo fato de ele ter tido uma relação sexual com a moça.

No tribunal, Bernardo Gui, com ardor cego, é o juiz e o júri. Parece considerar-se um escolhido por Deus para erradicar o mal do mundo. Dessa forma, dá sua sentença: a moça é culpada por bruxaria; Salvatore, por seu passado herege; Remigio de Varagine, por não se arrepender de suas heresias. Este também é acusado de matar Severino. O abade confirma a sentença; William também, mas com ressalvas: para ele, Remigio não é culpado dos assassinatos, justamente por não saber ler grego. Logo, todo o mistério envolvendo as mortes está relacionado a um livro escrito em grego.

Com a sentença contestada, Gui decide torturar Remigio. Por medo, este confessa os assassinatos, mesmo não sendo culpado. Induzido por Gui, Remigio clama pelos vários nomes do demônio. William levanta-se e contesta o veredicto, afirmando a que os crimes continuarão. Por esse motivo, ele é levado ao Papa, fazendo a audiência inferir que provavelmente passará pelas mesmas provações do passado. Ao passar pelos demais franciscanos, ele insiste em suas convicções.

CAPÍTULO 27

Durante uma celebração religiosa, irmão Malaquias cai e podem-se perceber manchas pretas na sua língua e no seu dedo. A audiência deduz que o mistério não foi desvendado completamente. Bernardo Gui acusa William pelas mortes.

CAPÍTULO 28

William e Adso correm para o labirinto. Desvendando o enigma deixado pelo tradutor grego, conseguem abrir a porta espelhada. Nesse meio tempo, ocorrem os rituais para a fogueira da Santa Inquisição.

O mestre e o noviço encontram Jorge dentro da sala onde supostamente estão os livros proibidos. William pede o livro que Jorge disse nunca ter sido escrito. A audiência usa memória de curto prazo e lembra da discussão entre ambos a respeito d'*A poética*, de Aristóteles. O ancião entrega o livro ao franciscano e este coloca luvas. Pode-se deduzir que esta atitude de William é devido ao livro estar envenenado. Isso se confirma quando Jorge faz William ler a obra e, em seguida, pedir ao noviço a leitura da mesma. William não permite que o jovem folheie “páginas envenenadas” sem uma luva.

CAPÍTULO 29

Sendo Jorge cego, somente com a afirmação de William é que o ancião se dá conta de seu erro e foge com o livro. Há uma perseguição no labirinto, e William tenta questionar o ancião para descobrir onde ele está seguindo-o pela voz. Enquanto fala, Jorge come os cantos envenenados do livro. No momento em que William e Adso o encontram, Jorge joga um lampião para cima dos livros, queimando-os.

Na cena seguinte, momentos antes de acenderem as fogueiras onde estão Salvatore, Remigio e a camponesa, Bernardo Gui questiona se eles renunciam ao demônio.

CAPÍTULO 30

As fogueiras da inquisição são acesas, queimando Salvatore e Remigio. No momento de acender a fogueira onde está a camponesa, as chamas presentes dentro da torre, também são vistas do lado de fora, e os monges correm para tentar salvar o local. Acabam por esquecer as pessoas na fogueira. Ficam no local apenas os camponeses.

Dentro da torre, Jorge queima vários livros. Adso foge para fora da torre, mas William permanece no intuito de salvar os livros. Enquanto isso, a torre está em chamas e Jorge morre queimado.

Ao perceber o caos instaurado no mosteiro, Bernardo Gui foge com alguns soldados.

CAPÍTULO 31

William sofre por ver os livros queimando. Do lado de fora, Adso tenta segurar Bernardo Gui e os soldados, mas eles conseguem escapar. Na estrada, a carruagem onde eles estão fica presa no alto de um morro. O povo se aproxima, mas ao invés de ajudá-los, empurra a carruagem para baixo. Pode-se deduzir uma suposta vingança do povo pelas maldades causadas pelo inquisidor.

CAPÍTULO 32

William sai da torre carregando alguns livros e Adso corre para abraçá-lo.

Na cena seguinte, eles vão embora do mosteiro. No caminho, encontram a camponesa. Nesse momento a audiência pode inferir que o jovem ainda se sintia tocado pela camponesa, pelo modo como ele olha para ela. Mesmo assim, ele a deixa pelo caminho e segue seu mestre. Ele ainda menciona o fato de a garota ter sido seu único amor terreno. Ao dizer “Apesar disso, nunca consegui descobrir seu nome”, a formação de uma implicatura convencional devido ao operador argumentativo ‘apesar disso’ leva a audiência a uma última inferência: o único amor de sua vida permaneceu não-identificado e, mesmo assim, marcado para sempre em seu coração. Pode-se também inferir que o título do filme alude a essa íntima desconhecida cujo nome, assim como o de uma rosa, é generalizado simplesmente pelo fato de representar uma mulher.

A história termina da mesma maneira que começou: Adso, já ancião, escrevendo sobre o passado e lembrando seu mestre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da presente análise, fez-se uma tentativa de demonstrar uma das possíveis aplicações da Teoria da Relevância aos mecanismos inferenciais construídos pela audiência em relação às personagens de um filme. Esse modelo demonstra como as inferências são processadas na busca de uma comunicação relevante. Através da ostensão, por parte do falante, o ouvinte presta atenção ao que está sendo comunicado por acreditar ser a mensagem relevante. Portanto, a proposta de examinar *O nome da rosa* sob a ótica da Relevância é uma outra maneira possível de ver um filme, utilizado aqui para compreender como se desencadeia o raciocínio inferencial.

Mesmo sendo uma simulação de um ato comunicativo real, os diálogos e as imagens contidos no filme apresentam uma riqueza de mensagens implícitas as quais são processadas através do mesmo cálculo não-demonstrativo e não-trivial que ocorre em uma troca verbal autêntica. Assim, por conter esses implícitos, a audiência naturalmente passa a acionar mecanismos dedutivos ao criar inferências e, conseqüentemente, compreender o que está por trás do dito.

Além disso, foi possível provar como se dá a seleção de uma interpretação dentre as várias disponíveis devido à formação e à extensão do contexto que se forma no momento na interação comunicativa. Assim, cada contexto, exceto o inicial, contém um ou mais contextos menores que estão contidos em um ou mais contextos maiores. Isso ocorre porque, à medida que as informações se tornam disponíveis, elas se tornam mais acessíveis. Apesar de tantas diferenças individuais, cada indivíduo escolherá a informação mais adequada para a interpretação do enunciado por causa da busca natural pela relevância. A informação pretendida pelo falante será acessada porque o contexto, construído no momento do ato comunicativo, restringe a informação adequada. No filme analisado, foi possível perceber como conteúdo e contexto caminham juntos no cálculo inferencial, o que determinaria, dessa forma, a escolha, pelo ouvinte, do significado pretendido pelo falante.

Com o propósito de comprovar a validade e a utilização da teoria de Sperber & Wilson na explicitação das possíveis inferências construídas pela audiência (e pelas personagens), pode-se afirmar que o conjunto de suposições formulado pelo ouvinte pode ser renovado para a construção de novos contextos e novas suposições, permitindo assim uma interpretação mais clara das trocas comunicativas.

REFERÊNCIAS

1. GRICE, H. P. Logic and conversation. In: COLE, Peter and MORGAN, Jerry. *Syntax and semantics*. v.3, Academic Press, 1975, p. 41-58.
2. IBANOS, A. M. T. Algumas considerações informais sobre a inferência. In: *Linguagem em (dis)curso – Teoria da Relevância*. Editora Unisul, v.5, n. esp., 2005.
3. SILVEIRA, J. R. C. da. Teoria da Relevância: uma resposta à comunicação inferencial humana. In: IBANOS, A. M. T.; SILVEIRA, J.R.C. (org.). Na interface semântica/Pragmática: programa de pesquisa em lógica e Linguagem Natural. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
4. SILVEIRA, J. R. C. da; FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. *Pragmática e cognição: a textualidade pela relevância*. 3ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
5. SILVEIRA, J. R. C. da. A imagem: interpretação e comunicação. In: *Linguagem em (dis)curso – Teoria da Relevância*. Editora Unisul, v.5, n. esp., 2005.
6. SMITH, N.; WILSON, D. Introduction. In: *Lingua*, n. 87, p. 1-10, 1992.
7. SPERBER, D.; WILSON, D. On verbal irony. In: *Lingua*, n. 87, p. 53-76, 1992.
8. SPERBER, D.; WILSON, D. *Relevance: communication and cognition* (2nd edition). Oxford: Blackwell, 1995.

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo demonstrar como se dá processo cognitivo de informações através da Teoria da Relevância de Sperber & Wilson (1995). Esse modelo ostensivo-inferencial de comunicação é demonstrado através da análise do filme “O nome da Rosa”. Para tanto, o filme é relatado ao mesmo tempo em que a Teoria é explicitada, como uma forma de sintonizar o leitor ao raciocínio feito pelos espectadores durante o filme. A análise, articulada dessa maneira, permite aos leitores fortalecer uma interpretação mais refinada das relações pragmáticas formuladas pelos autores da teoria.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria da Relevância, inferências, estímulo ostensivo, processamento de informações, contexto, filme, “O nome da Rosa”.

ABSTRACT: The purpose of this paper is to show how the cognitive process of information works through Relevance Theory, by Sperber & Wilson (1995). This ostensive-inferential model of communication is presented with the analysis of the movie “The name of the rose”. Therefore, the movie is related while the theory is exposed, as a way to show to the reader the audience’s reasoning of inferences while watching the movie. The analysis allows the readers to strengthen a more refined interpretation of pragmatic relationships elaborated by the author’s theory.

KEYWORDS: Relevance Theory, inferences, ostensive stimulus, process of information, context, movie, “The name of the rose”.

Recebido em 04 de dezembro de 2006.
Artigo aceito para publicação no dia 26 de fevereiro de 2007.